



A percepção dos estudantes sobre os círculos de construção de paz

Students' perceptions of peace building circles

Percepciones de los estudiantes sobre los círculos de construcción de la paz

Maria Cristiane Lopes da Silva¹

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil

Neyla Denize de Sousa Soares²

Professora da Secretaria da Educação do Estado do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil

Rosemary de Oliveira Almeida³

Professora da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil

Recebido em: 06/09/2020

Aceito em: 07/05/2024

Resumo

O estudo tem sua relevância a partir da experiência de observação de uma prática chamada Círculos de Construção de Paz, utilizada em uma escola pública de Fortaleza como disciplina eletiva dentro de sua organização escolar. O objetivo é compreender a percepção dos (as) estudantes sobre os Círculos de Construção de Paz a partir da indagação: como os (as) estudantes compreendem os Círculos de Construção de Paz no ambiente escolar? Optamos pela referida metodologia: i) estudo bibliográfico; ii) observação participante; iii) utilização da metodologia dos Círculos de Construção de Paz; e iv) entrevista semiestruturada. Os resultados encontrados não têm a pretensão de se constituírem como resultados conclusivos, e sim de fomentar reflexões para estudos posteriores e contínuos no espaço educacional. Por fim, concluímos que os (as) estudantes da Escola da Paz compreendem que os Círculos de Construção de Paz são importantes e necessários para a escola e que, por isso, merecem ser objeto de outras aspirações teóricas e metodológicas para alcançarem resultados mais expressivos e definitivos.

Palavras-chave: Escola Pública. Estudantes. Círculos de Construção de Paz.

Abstract

The study has its relevance from the experience of observing a practice called Peace building Circles, used in a public school in Fortaleza as an elective subject within its school organization. The objective is to understand students' perception of Peace building Circles based on the question: how do students understand Peace building Circles in the school environment? We opted for the aforementioned methodology: i) bibliographic study; ii) participant observation; iii) use of the Peace building Circles methodology; and iv) semi-structured interview. The results found are not intended to be conclusive results, but to encourage reflections for subsequent and continuous studies in the educational space. Finally, we conclude that students at Escola da Paz understand that

¹ crisneto19@gmail.com .

² neyladen@gmail.com .

³ rosemary.almeida@uece.br .

Peace building Circles are important and necessary for the school and that, therefore, they deserve other theoretical and methodological aspirations for more expressive and definitive results.

Keywords: Public school. Students. Peace building Circles.

Resumen

El estudio tiene su relevancia a partir de la experiencia de observación de una práctica denominada Círculos de Construcción de Paz, utilizada en una escuela pública de Fortaleza, como disciplina optativa dentro de su organización escolar. El objetivo es comprender la percepción de los y las estudiantes sobre los Círculos de Construcción de Paz a partir de la pregunta: ¿cómo entienden los estudiantes los Círculos de Construcción de Paz en el ambiente escolar? Se optó por la metodología antes mencionada: i) estudio bibliográfico; ii) observación participante; iii) uso de la metodología de los Círculos de Construcción de Paz; y iv) entrevista semiestructurada. Los resultados encontrados no pretenden ser resultados concluyentes, sino incentivar reflexiones para estudios posteriores y continuos en el espacio educativo. Finalmente, concluimos que los y las estudiantes de la Escola da Paz entienden que los Círculos de Construcción de Paz son importantes y necesarios para la escuela y que, por lo tanto, merecen ser objeto de otras aspiraciones teóricas y metodológicas para lograren resultados más expresivos y definitivos.

Palabras clave: Escuela pública. Estudiantes. Círculos de Construcción de Paz.

Introdução

Os Círculos de Construção de Paz representam uma prática originária dos povos indígenas do Canadá e da América do Norte. Esses Círculos são considerados uma das principais vertentes das práticas restaurativas no mundo, passando a ser utilizados como estratégia de diálogos para lidar com os conflitos e demais temas (Pranis, 2010).

De acordo com Boyes-Watson e Pranis (2015, p. 37), o Círculo de Construção de Paz é um espaço intencional e estruturado “[...] para organizar a comunicação em grupo, a construção de relacionamentos, a tomada de decisões e a resolução de conflitos de forma eficaz”. Nesse sentido, o Círculo de Construção de Paz passa a ser usado como recurso de diálogo e escuta em diversas instituições, como é o caso da escola pública, campo de interesse do presente estudo.

Desde o ano de 2013, algumas escolas da rede de ensino estadual de Fortaleza desenvolvem a prática dos Círculos de Construção de Paz com experiências pontuais dentro da sua rotina pedagógica, objetivando contribuir para a potencialização das relações de convivência e a facilitação de diálogos sobre os conflitos e outras temáticas relevantes (Silva, 2023). No ano de 2016, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC) criou um setor⁴ específico para trabalhar as técnicas de mediação de conflitos e as práticas restaurativas junto às escolas de sua rede, focando mais especificamente nos

⁴ No ano de 2016 foi oficializada a criação da Célula de Mediação Social e Cultura de Paz da SEDUC. Ver informações disponíveis em: <https://www.ceara.gov.br/2016/10/11/celula-de-mediacao-fortalece-cultura-de-paz-nas-escolas-estaduais/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Círculos de Construção de Paz, bem como capacitando e orientando professores e gestores escolares para atuar com tais ferramentas em suas práticas educativas com o intuito de potencializar a Educação para a paz (Silva, 2023).

Conforme Abramovay e Rua (2002, p. 13), a sociedade brasileira demonstra situações de tensão, pois são “diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar, fato que despertou a atenção das diversas instâncias [...]”, levando os órgãos governamentais a buscar ferramentas que possibilitassem diálogos assertivos nas formas de lidar com os diversos episódios complexos no ambiente das escolas. Dentro desse contexto, em meados de maio de 2017, foi realizada pelos técnicos da Célula de Mediação Social e Cultura de Paz uma formação⁵ sobre os Círculos de Construção de Paz e Mediação de Conflitos em parceria com a Coordenadoria de Mediação, Justiça Restaurativa e Cultura de Paz, da Vice-Governadoria do Ceará. Essa formação contou com a representação de 16 (dezesesseis) participantes, entre professores e gestores, representando 9 (nove) escolas estaduais de Fortaleza (Silva, 2023), da qual participou a Escola da Paz⁶, campo de estudo deste artigo.

Dessa forma, após a conclusão do curso ministrado aos docentes, no ano de 2019, os Círculos de Construção de Paz passaram a ser desenvolvidos na mencionada escola com pais e/ou responsáveis, professores, estudantes e funcionários, objetivando facilitar o diálogo e a escuta ativa bem como viabilizar uma forma pacífica de lidar com os conflitos no âmbito escolar.

No primeiro semestre de 2019, os Círculos tomam fôlego dentro de uma disciplina eletiva,⁷ que foi denominada “Formação em Círculos de Diálogo”, sendo composta por 15 estudantes de 1ª e 2ª séries do Ensino Médio. No segundo semestre do mesmo ano, formou-se uma nova turma, uma vez que as eletivas acontecem duas vezes por ano, divididas em dois semestres.

Os Círculos de Construção de Paz já se desenvolvem em muitas experiências⁸ sistemáticas e esporádicas nas escolas públicas de Fortaleza e até em algumas cidades do Ceará, agregando como

⁵ Foi denominada “Formação em Círculos de Construção de Paz e Mediação de Conflitos”, com a participação de 9 (nove) escolas estaduais. Ver mais informações disponíveis em:

<<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=95823>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

⁶ Nome fictício atribuído para preservar a imagem da escola e dos estudantes desta pesquisa.

⁷ As disciplinas eletivas fazem parte da base diversificada do currículo do ensino médio em escolas em tempo integral da rede pública estadual do Ceará. Informações disponíveis em:

<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/Escola_Interativa/EI_240417_10h.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

⁸ Ver Projeto de Mediação Escolar do MPCE e o trabalho da SME/Fortaleza, disponíveis em: <<https://mpce.mp.br/wp-content/uploads/2017/02/20170131-Projeto-Mediacao-Escolar.pdf>> e

<<https://intranet.sme.fortaleza.ce.gov.br/index.php/lista-de-noticias/1107-sme-promove-formacao-da-celula-de-mediacao-social-sobre-circulos-de-de-construcao-de-paz-na-escola>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ferramenta educativa para colaborar com o trabalho dos professores. Desse modo, o interesse por esta temática surge por ser uma ferramenta que os docentes vêm utilizando em suas práticas escolares, e busca-se compreender a percepção dos estudantes sobre estes Círculos de Paz na escola.

Caminhada metodológica

O recorte do campo de pesquisa foi uma instituição da rede pública estadual, denominada Escola da Paz, situada em um bairro periférico da Cidade de Fortaleza. O uso do pseudônimo pretende preservar as imagens e as informações fornecidas pelos sujeitos e pela escola. A instituição tornou-se uma escola em Tempo Integral a partir do ano de 2018, como parte de uma política pública da Secretaria da Educação do Estado do Ceará⁹.

Os interlocutores da pesquisa foram os (as) estudantes das turmas de 1ª e 2ª séries do Ensino Médio que participavam da disciplina eletiva dos Círculos, chegando ao total de aproximadamente 20 (vinte) participantes assíduos, semanalmente, às quintas-feiras. Uma das autoras deste estudo era a facilitadora do Círculo de Construção de Paz e a outra era observadora-participante. Entre os (as) estudantes assíduos observados (as), optou-se pela realização de 7 (sete) entrevistas, por questão da disponibilidade dos (as) entrevistados (as) e dos (as) entrevistadores (as).

Optou-se pela pesquisa qualitativa, uma vez que buscamos a compreensão e a reflexão do processo, privilegiando a percepção dos sujeitos envolvidos com o fenômeno e objetivando “compreender o sentido e a lógica interna que os sujeitos atribuem a suas ações, representações, sentimentos, opiniões e crenças” (Minayo; Guerreiro, 2013, p. 1105).

Utilizou-se para esta investigação o estudo bibliográfico, a partir da leitura e do fichamento da literatura sobre a temática. Preferiu-se a técnica da observação participante, realizada de agosto a dezembro do ano de 2019, no intuito de aproximação dos sujeitos; ou seja, “o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo” (Gil, 2008, p. 103).

Escolheu-se, ainda, a entrevista semiestruturada, desenvolvida durante os meses de novembro e dezembro de 2019, no intuito de obter maiores informações e manter uma forma de interação social, uma vez que esta “é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (Gil, 2008, p. 109).

Outra ferramenta utilizada foi a própria metodologia dos Círculos, podendo ser considerada

⁹ Lei disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/escolas-de-ensino-medio-em-tempo-integral/.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2024.

semelhante à técnica do grupo focal¹⁰ por também reunir pessoas em formato circular, com planejamento e organização prévia, diferenciando-se apenas porque não é necessário ter foco temático, e o facilitador não é o controlador do processo, apenas facilita o diálogo. Posto isso, os Círculos de Construção de Paz representam:

[...] um processo de comunicação estruturado e simples que ajuda os participantes a se reconectarem com a valorização deles mesmos e dos outros de maneira alegre. Foi elaborado para criar um espaço seguro, a fim de que todas as vozes sejam ouvidas e para encorajar cada participante a caminhar em direção ao seu melhor como ser humano (Boyes-Watson; Pranis, 2015, p. 3).

Destarte, a maior parte do processo aconteceu por meio da ferramenta dos Círculos de Construção de Paz. Havia um dia da semana em que os encontros eram realizados, utilizando a estrutura e todos os elementos necessários de um processo circular. Nesses momentos, havia uma aproximação e uma interação mais intensas entre os estudantes participantes e as pesquisadoras. Como afirma Gil (2008), há na pesquisa uma troca entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador, uma partilha de informações e construções coletivas de conhecimento.

Assim, o percurso metodológico foi traçado com o cruzamento de olhares, ideias, ferramentas e técnicas necessárias, construídas e desconstruídas no entrelaçamento do campo, dos sujeitos e dos pesquisadores envolvidos. A escolha desse conjunto de instrumentais se deve a uma tentativa de maior aproximação do fenômeno desejado, embora haja o reconhecimento de que não há intenções de resultados definitivos; ou seja, “nenhum tipo de pesquisa é autossuficiente, inclusive na prática, mesclamos todos [...]” (Demo, 2005, p. 24).

Fundamentação teórica

A escola pública brasileira caracteriza-se pelo seu dinamismo cotidiano e por ser um espaço sociocultural compreendido pelos múltiplos olhares, desde a cultura até sua formação social dos diversos atores, melhor dizendo:

[...] analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e

¹⁰ “É uma técnica de pesquisa qualitativa onde os pesquisadores organizam e conduzem uma discussão com um grupo de pessoas” (PIMENTA, 2014, p. 125).

adolescentes; enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (Dayrell, 2001, p. 136).

Para Dayrell (2001), a escola representa esse espaço próprio, heterogêneo, com um conjunto de normas e regras que delimitam e unificam as ações dos sujeitos, fomentando uma trama de relações complexas de alianças e conflitos, de estratégias convergentes e divergentes, tornando-se um ambiente singular, “fruto da ação recíproca entre sujeito e a instituição” (Dayrell, 2001, p. 136).

É nesse complexo emaranhado de constituição das relações que são buscadas ferramentas viáveis para colaborar com o equilíbrio social, pautado em uma Educação para a paz – entendida não como o oposto da guerra, mas como uma mudança de mentalidade “que incorpora um compromisso mais claro e explícito com a não-violência e a organização pacífica das relações sociais nos níveis local, nacional, regional e internacional” (Oliveira, 2017, p. 149).

Nessa perspectiva, surgem os Círculos de Construção de Paz nas escolas estaduais cearenses, com o intuito de contribuir para as práticas educativas dos professores, no sentido de viabilizar um diálogo e uma escuta mais qualificada, diferenciando-se de outras ferramentas.

Os Círculos de Construção de Paz fazem parte das abordagens circulares que entraram no rol das práticas da Justiça Restaurativa¹¹. Embora tenham nascido no âmbito da justiça criminal, eles são utilizados em diversos espaços e possuem aplicações variadas, desde lidar com diversas temáticas e conflitos até servir como uma forma de diálogo comunitário (Zehr, 2015), ou seja:

[...] embora os círculos tenham surgido em comunidades pequenas e homogêneas, hoje passaram a ser utilizados em inúmeros contextos, inclusive nas grandes áreas urbanas e para situações variadas fora do âmbito criminal. Os círculos parecem ser o modelo nos ambientes pedagógicos (Zehr, 2015, p. 71-72).

Para Zehr (2015), os Círculos de Construção de Paz têm sua inspiração nas comunidades tradicionais, nas quais as pessoas se acomodavam formando um círculo e manuseando um instrumento denominado “bastão de fala” para organizar os turnos de fala em um diálogo mediado por um “Guardião do Círculo”. Essa estrutura auxiliava os participantes a dialogar sobre o que estava acontecendo em suas comunidades. Os Círculos de Construção de Paz surgiram nesse mesmo sentido, porém, com adaptações à realidade contemporânea.

¹¹ A Justiça Restaurativa é “um conjunto de princípios e valores, uma filosofia [...] oferece alternativa para pensar as ofensas” (ZEHR, 2015, p. 13).

Nesse entendimento, os Círculos de Construção de Paz adentram o contexto escolar como uma ferramenta para corroborar as práticas educativas dos docentes, que fazem uso deles para facilitar o processo de diálogo com respeito e autonomia.

Trabalhar com a proposta dos Círculos de Construção de Paz é compreender que existem estratégias que podem contribuir com o “fazer” dos docentes na dimensão dialógica. Nesse sentido, comunga-se com Freire (1980), que acredita que as escolas formadoras de sujeitos autônomos, conscientes e transformadores da sociedade são aquelas instituições que possibilitam uma partilha de conhecimento por meio do diálogo, em que professores e estudantes entrelaçam uma comunicação respeitosa e sem hierarquia, valorizando o diálogo colaborativo e responsável de todos os envolvidos no processo educativo:

[...] o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, portanto, uma necessidade existencial (Freire, 1980, p. 82).

Assim, partindo de tal concepção, os Círculos são desenvolvidos na escola visando potencializar o diálogo entre os estudantes, os docentes e demais membros da comunidade escolar no sentido de romper distâncias e aproximar cada vez mais este público na busca de construir pontes colaborativas para a convivência escolar, e, conseqüentemente, contribuir para o desempenho das ações educativas (Boyes-Watson, Pranis. 2011).

De acordo com Abramovay e Rua (2008), a escola é um ambiente de construção de relações, troca de saberes, um espaço de convergências e divergências que causam inúmeras tensões. É nesse clima que, muitas vezes, fragilizam-se as convivências sendo necessário buscar mecanismos que venham contribuir para o fortalecimento do diálogo em prol de uma relação saudável e segura.

Convergindo com este pensamento, Pranis (2010) considera que os Círculos de Construção de Paz podem contribuir para tal fortalecimento, na medida em que essa ferramenta facilita o diálogo e a liberação dos sentimentos e das necessidades dos participantes; em outras palavras:

[...] os Círculos têm servido para gerar empatia, comprometimento, criar vínculos e estabelecer limites, promovendo a convivência harmoniosa entre pessoas. São ferramentas igualmente poderosas. O Círculo de Conversa, por vezes, é bastante simples e promove mudanças. É um espaço para contar histórias, compartilhar e, também, para construir novas narrativas. O resultado quase sempre é a redução dos conflitos e um forte sentimento de unidade (Pranis, 2010, p. 13).

Contudo, para o desenvolvimento dos Círculos de Construção de Paz, faz-se necessário partir do seguinte pressuposto de “que existe um desejo humano universal de estar ligado aos outros de forma positiva” (Pranis, 2010, p. 39), que é um processo intencional alicerçado em valores partilhados no grupo. Existe uma valorização humana de cada pessoa respeitando suas emoções e sentimentos, sem julgamentos ou quaisquer formas de desrespeito.

Na contramão dessa interpretação, Elias (2001) salienta que a sociedade ocidental, por incentivar as pessoas a serem competitivas, é pautada na lógica do mercado, valorizando mais os ganhos pessoais em detrimento da percepção das emoções e sentimentos. Assim, elas são submetidas a redes de tensões e coerções para manter-se em uma posição ou com determinado privilégio (Elias, 2001). Tais questões não são o foco deste estudo, mas servem para ressaltar que, em certas ocasiões, nos Círculos de Construção de Paz, os participantes não estão acostumados com o mencionado pressuposto que alicerça a prática, chegando a considerá-lo estranho às suas realidades.

Conforme Pranis (2010), além do pressuposto de fundamentação dos Círculos de Construção de Paz, eles seguem toda uma estrutura específica, diferenciando-os de outros processos circulares¹² que são aplicados em vários contextos. Nas palavras da autora:

[...] os participantes se sentam nas cadeiras dispostas em roda, sem mesa ao centro. Às vezes se coloca no centro algum objeto que tenha significado especial para o grupo, como inspiração, algo que evoque nos participantes valores e bases comuns. O formato espacial do círculo simboliza liderança partilhada, igualdade, conexão e inclusão. Também promove foco, responsabilidade e participação de todos (Pranis, 2010, p. 25).

Os Círculos de Construção de Paz acontecem nessa estrutura porque se acredita que assim se criam possibilidades de comunicação horizontal, deixando de lado diferenças e defesas ou, pelo menos, intenciona-se fomentar valores de empatia, respeito e autonomia, que colocam os partícipes na sua melhor versão de si mesmo. Aqui, almeja-se um espaço seguro em que todos tenham participação de fala e escuta, de acordo com suas percepções e necessidades; ou melhor, sustenta-se que a “pessoa tem um ‘eu’ verdadeiro dentro dela que é bom, é sábio e poderoso” (Pranis, 2018, p. 35).

Além da estrutura geométrica, os Círculos de Construção de Paz também têm elementos estruturantes, como: cerimônia de abertura e fechamento, check-in e check-out, bastão de fala ou objeto da palavra, construção de diretrizes e valores e um (a) facilitador (a). Tais elementos fazem a diferença no processo circular, cada um deles com um significado e obedecendo uma ordem cronológica de uso e realização. Como argumenta Pranis (2010, p. 25-26), “os Círculos objetivam criar um espaço no

¹² Por exemplo: Círculos Restaurativos, Círculo de Cultura de Paulo Freire, Terapia Comunitária, Danças Circulares etc.

qual os participantes se sentem seguros para ser totalmente autênticos e fiéis a si mesmos”.

Por assim dizer, nessa estrutura e com esses elementos, os Círculos de Construção de Paz estão acontecendo na Escola da Paz, com pais e/ou responsáveis, professores, estudantes e funcionários, mas, de acordo com Boyes-Watson e Pranis (2015, p. 3), “não existe uma maneira única de integrar Círculos em uma comunidade escolar: cada comunidade deverá incorporar o Círculo de Construção de Paz do seu próprio jeito para atender às suas necessidades específicas”. É comungando com esse pensamento que os Círculos de Construção de Paz se desenvolvem nessa escola de forma absolutamente positiva, resolvendo situações de conflito e valorizando cada ser que deles participam.

Análise e discussão de resultados

Conforme a intenção do presente estudo, as reflexões desta pesquisa são de cunho qualitativo, não se pretende assumir resultados conclusivos, e sim promover reflexões subjetivas dos (as) estudantes a respeito dos Círculos de Construção de Paz no cotidiano escolar. Para tal, observaram-se positivamente os encontros da metodologia dos Círculos de Construção de Paz com os alunos na Escola da Paz, nos quais foram realizadas, também, algumas entrevistas individuais.

A primeira reflexão a ser pontuada se refere a como os (as) estudantes se sentem participando dos Círculos de Construção de Paz. De forma geral, existe uma receptividade muito positiva, e os participantes afirmam que gostam do referido espaço. Nas palavras de dois estudantes:

Sinto-me assim... mais... tipo livre para falar o que eu sinto, porque ninguém vai sair falando, né? É só para nós mesmo. O bom é isso, que eu posso me soltar, falar e dizer como estou me sentido e sem julgamento nenhum, ninguém dizendo isso ou aquilo (Estudante A).
Sim, a gente escuta música, a gente pode falar, sabe? ... o falar à vontade? Diferente da aula. A gente conhece outras pessoas das outras salas, a gente se escuta, uma coisa bem legal (Estudante B).

É possível perceber que os (as) estudantes dizem que se sentem bem nos Círculos de Construção de Paz no sentido de ter liberdade, pois eles ficam mais à vontade, soltos para se comunicar entre si. Isso corrobora o que defende Freire (1987) sobre uma prática libertadora; isto é, aquela em que os sujeitos assimilam e efetivam sua liberdade por meio de uma comunicação colaboradora, na qual

[...] a palavra viva é o diálogo existencial, que expressa e elabora o mundo em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de elaborar na construção do mundo comum (Freire, 1987, p. 11).

Paulo Freire considera relevante o diálogo como um instrumento essencial para o entendimento mútuo, o crescimento humano e a transformação enquanto ser social. Ele destaca a palavra como algo vivo e dinâmico, um verdadeiro encontro dialógico entre indivíduos que partilham histórias e experiências significativas para a sua existência.

Ele defende o diálogo que molda e transforma o mundo por meio de uma comunicação autêntica de partilhas de ideias e visões de mundo, construindo e reconstruindo-se diante de si e do outro. Assim, Paulo Freire defende que o diálogo é uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, com o diálogo autêntico e empático que gera a superação de desigualdades e injustiças.

Nesse ponto, observa-se que as palavras dos (as) estudantes e as de Paulo Freire se alinham, pois os Círculos de Construção de Paz permitem o florescer desse diálogo autêntico, que os estudantes admitem ser algo muito bom, representando para eles uma sensação de liberdade, de se sentirem como pessoas que podem falar, se expressar, “[...] que faz a gente conversar, contar as coisas, e disso eu gosto, é diferente, é bom mesmo” (Estudante C, 21 de novembro).

Relatos como esses geram reflexões sobre o papel da escola, que muitas vezes não consegue atender necessidades deste tipo, como as expostas por esses estudantes. Isso acontece não porque as instituições não queiram atender aos alunos, mas, talvez, porque exista uma sobrecarga de funções e de expectativas – conforme reiteram Boyes-Watson e Pranis (2015, p. 4): “não é de surpreender que professores e direções das escolas se sintam sobrecarregados pelas tarefas que lhes são designadas”, não restando, muitas vezes, espaço para o diálogo e a escuta.

Em tal perspectiva, a Escola da Paz, ao desenvolver esses Círculos de Construção de Paz dentro do seu cotidiano, tenta de alguma forma atender à necessidade de diálogo com os (as) estudantes, e estes recebem essa tentativa de forma bastante positiva, considerando-a um verdadeiro aprendizado:

[...] é uma aprendizagem. Eu queria aprender mais, queria... porque eu sou uma pessoa que tô sempre aberto a novas aprendizagens, e... tanto em questão de conteúdo normal, porque o círculo diário ele é um... ele é basicamente, ele ensina o básico de uma pessoa viver uma vida, o certo de que ela deve fazer em algumas situações e aprender isso (Estudante D, 21 de novembro de 2019).

Essa passagem revela que os Círculos de Construção de Paz são para os (as) estudantes uma real aprendizagem, não só de conteúdo, mas para a vida, no que se refere ao respeito pela fala de outras pessoas, assim como uma motivação para aprender com a história do outro. Para Dayrell e Reis (2006, p. 9), “os jovens devem construir sua integração em uma ordem escolar, achando em si mesmos os

princípios da motivação e os sentidos atribuídos à experiência escolar”. Isso parece ser exatamente o que acontece quando os (as) estudantes vivenciam a experiência dos Círculos de Construção de Paz. Eles conseguem encontrar motivação e atribuir sentido, gerando assim uma melhor integração entre eles.

A segunda reflexão parte da constatação de que os (as) estudantes precisavam de ajuda para desenvolver a comunicação de forma mais assertiva, especialmente em público, e os Círculos de Construção de Paz têm oportunizado isso. Os (as) estudantes são convidados (as) a falar de forma espontânea e natural do lugar onde se encontram e respondem a perguntas simples e específicas, o que os auxilia, principalmente os mais tímidos, que conseguem se expressar sem constrangimentos, como observado em algumas falas no momento dos Círculos de Construção de Paz na Escola da Paz: “sinto-me livre para falar no Círculo de Paz”, “essa eletiva tem me ajudado a vencer a minha timidez”, “fico esperando ansiosa as quintas-feiras”.

Em algumas entrevistas, percebe-se que os (as) estudantes se sentem muito à vontade e consideram os Círculos de Construção de Paz uma ótima oportunidade para eles se colocarem de maneira assertiva em um diálogo em que todos sejam aceitos e valorizados:

Tia, vejo os Círculos como um momento em que consigo falar o que penso sem medo” (Estudante E).

Antes eu achava que era besteira, mas agora vejo como o Círculo me ajuda a perder a timidez (Estudante F).

Sinto-me uma tia muito confortável e segura quando falo no Círculo, quando escuto meus amigos e até aqueles que não são eu respeito (Estudante G).

Tais relatos consolidam o que dizem Boyes-Watson e Pranis (2015) ao manifestarem que os Círculos de Construção de Paz no ambiente escolar conseguem empoderar os (as) participantes, criando um espaço seguro para o diálogo e a perda da vergonha pelo fato de os (as) participantes se sentirem confortáveis. No entanto, essa percepção não converge para todos os (as) estudantes, pois em outras falas existem estudantes que afirmam que ficam desconfortáveis na ocasião em que vão se expressar perante os outros. Nas palavras dos (as) estudantes:

Às vezes, você tá falando aí a pessoa quer falar também [...] mas logo se resolve [pausa] e a vergonha de falar e todo mundo olhando pra você, dá um frio na barriga” (Estudante A).

A pessoa ainda se sente meio retraída, ela não tem aquela coragem de falar tudo o que tem pra falar; ela fala, mas não o suficiente que ela deveria pra poder a gente ajudar ela, fica ainda muito tímida, como se tivesse com medo, um medo de alguma coisa, da pessoa falar, algo assim, acho que é isso aí (Estudante E).

Observa-se por essas falas que alguns estudantes têm vergonha, que ficam retraídos e não se

sentem bem, dando até “um frio na barriga” e “medo”. Talvez tais narrativas tenham sentido na explicação de Elias (2001), que afirma que as pessoas não estão acostumadas a se colocarem tão abertamente para os outros, devido ao fato de estarem moldadas ao controle dos sentimentos e comportamentos, porque as “sensibilidades e os comportamentos efetivamente se modificaram profundamente [...] que implicam necessariamente um controle mais severo das emoções e dos afetos” (Elias, 2001, p. 19).

Desta maneira, o que fomenta essa espontaneidade de se expor perante os outros se torna algo constrangedor e vergonhoso, pois é contrário ao *processo civilizador*, em que se exige uma contenção reservada das pulsões psíquicas dos indivíduos, que demonstram fragilidades não cabíveis à civilidade da sociedade industrial, como argumenta Elias (2001, p. 20):

O processo civilizador consiste, portanto, antes de tudo, na interiorização individual das proibições que, antes, eram impostas de fora, em uma transformação da economia psíquica que fortalece os mecanismos do autocontrole exercido sobre as pulsões e emoções e faz passar da coerção social.

O pensamento de Elias explica a percepção de alguns estudantes em não ficarem confortáveis nos Círculos de Construção de Paz, porque a forma como o Círculo acontece foge completamente à formação desse *processo civilizador*, que naturaliza e exige um tipo de comportamento e autocontrole dos sentimentos e das emoções das pessoas para se moldarem às exigências desse processo. O Círculo de Construção de Paz está na contramão de uma sociedade que individualiza e tenta impor uma etiqueta padronizada para manter e moldar o equilíbrio social, “uma rede cerrada de autocontroles automáticos que refreiam todos os impulsos espontâneos, todos os movimentos imediatos” (Elias, 2001, p. 21).

Isso quer dizer que tudo que não se adequa a essa lógica e foge a esse padrão não é aceito facilmente, mas, pelo contrário, como afirma um estudante: “me deixa meio desconfortável, sem razão de ser, algo que me tira do meu equilíbrio” (Estudante F).

Outra reflexão relevante apresentada pelos (as) estudantes diz respeito à questão da organização estrutural e dos elementos que compõem os Círculos de Construção de Paz. De forma geral, eles percebem uma organização bem diferente da sala de aula, com elementos que chamam atenção e atraem significativamente a participação naquele momento, na percepção de alguns estudantes:

[...] não, usa, usa umas coisas, ela entrega tipo, ela lê o papel, né? ... e a gente responde. Aí ela entrega um objeto, aí a gente vai pegando o objeto, tem um nome que não tô lembrando, para ser o momento de a gente falar, depois a gente se cala e espera o outro falar. Aí vai respondendo, entrega a outra pessoa e assim vai, e é tudo numa roda, com um bocado de coisa no meio, tipo

toalha, muita coisa (Estudante C).

Uma coisa que me chama muita atenção [pausa] é quando eu vejo meus amigos falando o que sentem, porque mesmo eu estando do lado deles o dia todo eu não sei pelo que eles tão passando. E quando eu chego aqui no Círculo e eles desabafam, aqueles elementos todos, o bastão, toda aquela organização ajuda a ser um momento agradável, algo bom [pausa] bem diferente da sala, sabe [pausa] (Estudante D).

Essas narrativas demonstram que os (as) estudantes conseguem perceber os Círculos de Construção de Paz como um espaço singular, bem distinto da sala de aula, que possibilita a fala e a escuta de maneira agradável. É um espaço em que desejam permanecer por mais tempo, que almejam que todos os (as) professores (as) consigam realizar nas suas salas, porque “ajuda organizar a gente na fala, que na sala os professores não conseguem [...] às vezes não sabem como fazer isso”, diz uma estudante. Existe um aspecto que ela considera importante e “às vezes” não reconhece na ocasião das aulas, estando ausente na prática cotidiana dos (as) professores (as), por inúmeras questões que não cabem nesta discussão.

Conforme Boyes-Watson e Pranis (2015, p. 19), “o processo circular ajuda os indivíduos e o grupo a terem a experiência [...] cada pessoa tem voz, cada pessoa é valorizada, ninguém é mais importante que qualquer outra pessoa no Círculo”. Portanto, os Círculos de Construção de Paz, na visão dos (as) estudantes, contribuem para a ação educativa no sentido de poder ajudar na organização da fala de cada estudante na sala de aula, para a própria estrutura circular, dos (as) participantes serem dispostos com as cadeiras em forma de círculo, possibilitando que todos escutem e dialoguem colaborativamente.

A última reflexão relaciona-se à associação realizada pelos (as) estudantes dos Círculos de Construção de Paz durante o lidar com os conflitos. Eles percebem que essa ferramenta consegue viabilizar o diálogo sobre os problemas, situação em que nem sempre é fácil de enfrentar entre os pares. Então, eles observam que os Círculos de Construção de Paz podem ser vistos como um espaço possível para discutir questões delicadas com respeito e participação, sem que haja nenhum acirramento profundo, como falam os (as) estudantes:

A gente meio que tirar o peso [PAUSA], da... de tudo que a gente passa no dia a dia, que a gente às vezes não tem a coragem para chegar em alguém, de pedir para conversar, pedir ajuda. Nos Círculos, a pessoa tá lá pra isso, né? Para ajudar e resolver tudo, um lugar pra gente falar, desabafar (Estudante E).

Perdão e amor. Perdão porque tem pessoas no Círculo as quais eu machuquei também, e com a ajuda do Círculo da Paz eles conseguiram me perdoar, e eu também perdoei eles (Estudante G). Assim, muitas coisas, porque às vezes eu não sei resolver meus conflitos, aí eles, os Círculos, me ajudam bastante a resolver no sentido de procurar ouvir mais, antes de falar, sabe? Procurar enxergar melhor os colegas, não explodir logo (Estudante C).

Diante dessas palavras, compreende-se que os Círculos de Construção de Paz são percebidos com

bastante ênfase como um meio para lidar com os conflitos, pois os (as) estudantes revelam que é possível nesse processo circular pedir desculpas e ser perdoado, ter coragem para dialogar com empatia com o outro e, acima de tudo, ser um espaço de desabafo com respeito e atenção.

A este respeito, Pranis (2010) salienta que a questão tem a ver com a filosofia dos Círculos de Construção de Paz, que reúnem os princípios de respeito, valorização, conexão e apoio aos (às) participantes, tornando-se mais fácil a aceitação do outro e a compreensão dos problemas, quer dizer:

[...] a filosofia subjacente aos Círculos reconhece que todos precisam de ajuda e que, ajudando os outros, estamos, ao mesmo tempo, ajudando a nós mesmos. Os participantes do Círculo se beneficiam da sabedoria coletiva de todos. Seus integrantes não são divididos em provedores e recebedores. Os Círculos recebem o aporte da experiência de vida e sabedoria do conjunto de participantes, gerando assim uma nova compreensão do problema e possibilidades inéditas de solução (Pranis, 2010, p. 18).

Pranis (2010) assegura que os Círculos de Construção de Paz são apenas uma forma que facilita os (as) participantes a se conectarem com a sabedoria coletiva, em que todos são um conjunto que pode compreender e possibilitar suas próprias soluções, convergindo com os (as) estudantes que revelam que os Círculos de Construção de Paz têm mesmo esse potencial.

Afinal, os (as) estudantes também compreendem que os Círculos de Construção de Paz ainda precisam ser mais amplos e atingir um maior número de pessoas praticantes na Escola da Paz, porque reconhecem que nem todos têm conhecimento deles e não estão nas práticas educativas da maioria dos docentes e nem na realidade dos (as) estudantes de maneira geral: “ainda é pouca a experiência aqui na escola [...] meus colegas de sala deveriam todos participar [...] acho pouco uma professora só desenvolvendo o Círculo, tia” (Estudante A).

Portanto, tais falas sintetizam que o trabalho dos Círculos de Construção de Paz nessa Escola ainda precisa atingir uma amplitude maior nas práticas pedagógicas e diante da realidade dos (as) estudantes. Ainda que desenvolvidas dentro de uma disciplina eletiva, fazendo parte da dimensão pedagógica, não corresponde a uma ação coletiva dos (as) professores, tampouco dos (as) estudantes. De acordo com Hopkins (2011), os processos circulares não devem ser recursos ocasionais, precisam fazer parte do corpo da comunidade escolar, para, assim, obter resultados melhores e mais precisos.

Conforme este pensamento, a Escola da Paz, até este momento, necessita de uma expansão do desenvolvimento dos Círculos de Construção de Paz para comungar com a percepção dos (as) estudantes e resultar em melhores perspectivas no seu cotidiano.

Considerações finais

A indagação levantada neste estudo: “Como os (as) estudantes compreendem os Círculos de Construção de Paz no ambiente escolar?”, aponta algumas reflexões sobre a questão, apesar de não tencionar resultado concludente. Entretanto, alcança o êxito de suscitar reflexões que contribuam com as discussões sobre a temática, nas escolas, a partir da percepção dos (as) alunos (as) que deles participam.

Primeiramente, os (as) estudantes revelam um sentido bastante positivo com relação a essa ferramenta metodológica. Eles compreendem que os Círculos de Paz podem deixá-los em uma posição confortável, que proporciona uma plausível sensação de liberdade, de poderem falar sem julgamentos, de se colocarem como estão se sentindo, aspectos esses incomuns ao *processo civilizador*, conforme Elias (2001).

Em contrapartida, percebeu-se que tal compreensão não é unânime, pois foi revelado por outros (as) estudantes que a prática causa também desconforto, por não ser algo com o que estão acostumados. Para esse segundo grupo, o momento em Círculo proporciona um sentimento de medo, de vergonha. Sendo assim reconhecidos como uma prática que revela múltiplas sensações e interpretações subjetivas, os Círculos de Construção Paz não anulam a perspectiva confortável.

Por outro lado, os (as) estudantes também compreendem que os Círculos de Construção de Paz são espaços diferentes se comparados com o ambiente da sala de aula. Eles mencionam que essa ferramenta poderia contribuir com a prática pedagógica dos (as) professores, no sentido da organização do diálogo e da escuta colaborativa, ajudando em situações de desabafo e viabilizando a solução dos problemas com mais facilidade, eficácia e respeito entre todos.

As reflexões aqui dispostas por estudantes fazem-nos entender que os Círculos de Construção de Paz ainda precisam chegar para um número mais significativo de discentes. Isso porque os Círculos representam um espaço que pode auxiliar os (as) professores a optarem por outra prática pedagógica emergente que facilite o processo dialógico, exercendo uma comunicação mais assertiva e mais próxima entre eles.

A partir desse ponto de vista, os estudantes da Escola da Paz compreendem que os Círculos de Construção de Paz são importantes e necessários para a escola. É notório que as reflexões aqui suscitadas são apenas considerações não conclusivas, pautadas na subjetividade de uma única realidade

escolar, que mereceriam outras aspirações teóricas e metodológicas para resultados definitivos, não sendo essa a intenção deste estudo, e sim, quem sabe, inquietar outras reverberações. Espera-se, outrossim, que todo esforço seja realizado por meio de estudos e práticas experimentais, a fim de tornar e manter os ambientes escolares em condições de bem preparar seus discentes da melhor forma, para que possam encarar suas dificuldades e seus desafios com hombridade, respeito e responsabilidade suficiente para conquistar o que de bom o mundo possa lhes oferecer, em um dia a dia no qual não é nada fácil viver dignamente.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000128717>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

ABRAMOVAY, Miriam. Escolas e violências. **Observare**. Lisboa, v. 4, n. 1, p. 01-07, maio/out. 2008.

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **Círculos em movimento: construindo uma comunidade escolar restaurativa**. Tradução de Fátima De Bastiani. Porto Alegre, RS: AJURIS, 2015. Disponível em: https://www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_ae023f8cc1b34d9fb010388dcd00076f.pdf >. Acesso em: 10 mai. 2024.

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **No coração da esperança: guia de práticas circulares, o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis**. Tradução de Fátima De Bastiani. Porto Alegre, TJRS: Departamento de Artes Gráficas, 2011. Disponível em: [https://sistemas.vilavelha.es.gov.br/cursos/Content/material/No%20cora%C3%A7%C3%A3o%20da%20esperan%C3%A7a%20-%20Pr%C3%A1ticas%20circulares%20Kay%20Pranis%20\(1\).pdf](https://sistemas.vilavelha.es.gov.br/cursos/Content/material/No%20cora%C3%A7%C3%A3o%20da%20esperan%C3%A7a%20-%20Pr%C3%A1ticas%20circulares%20Kay%20Pranis%20(1).pdf). Acesso em: 11 mai. 2024.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista. Juventude e escola: reflexões sobre o ensino da sociologia no ensino médio. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 13, 2007, Recife. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Recife, PE: SBS, 2007. Disponível em: <<https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-e-Reis2007-Juventude-Escola.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2024.

DAYRELL, Juarez. Tarcísio. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. In: *A escola como espaço sócio-cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 136 – 161.

DEMO, Pedro. **Metodologia da Investigação em Educação**. Curitiba: IBPEX, 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4ª Ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOPKINS, Belinda. **Práticas Restaurativas na Sala de Aula**. 2011. Disponível em: <www.palathena.org.br/downloads/praticasrestaurativasnasaladeaula.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERREIRO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciência saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 19, nº 4. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000401103>. Acesso em: 19 fev. 2024.

OLIVEIRA, Gilberto Carvalho de. Estudos da paz: origens, desenvolvimentos e desafios críticos atuais. **Rev. Carta Inter**. Belo Horizonte, v. 12, n. 1, 2017, p. 148-172. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/611>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Grupos focais: conceito, aplicação e desenvolvimento. In: **Métodos e técnicas de pesquisa sobre o mundo do trabalho**. Giovanni Alves e João Bosco Feitosa dos Santos (Orgs.). Bauru: Canal 6, 2014.

PRANIS, Kay. **Processos circulares de construção de paz**. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010. (Série da Reflexão à Ação)

PRANIS, Kay. Sete lições sobre justiça restaurativa e cultura de paz. In: **Justiça restaurativa na prática: ações realizadas no município de Caxias do Sul**. Suzana Damiani, Cláudia Maria Hansel, Maria Suelena Pereira de Quadros (Org.). Caxias do Sul, RS: Educus, 2018.

SILVA, Maria Cristiane Lopes da Silva. **Círculos de construção de paz: experiência e olhares na escola pública**. 2020. 186f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

ZEHR, Howard. **Justiça restaurativa**. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.